

UMA ANÁLISE SOBRE O CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA DO CTUR A PARTIR DO PERFIL DOS ESTUDANTES E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Construção do conhecimento agroecológico

Diogo de Souza Pinto¹; Lucas da Silva de Souza Oliveira²; Úrsula Gomes Mendonça de Lima³

RESUMO

O curso técnico em agroecologia do CTUR se encontra em processo de reflexão sobre sua formação profissional a partir do perfil do seu estudante, visando contribuir para o desenvolvimento deste movimento para a região. Assim são encontradas características a partir dos objetivos do educando que contribuem para a compreensão sobre o projeto do curso e atuação profissional. Este estudo parte de uma análise no perfil do estudante egresso, também das características observadas segundo conversas com os mesmos. Tais alunos apresentam um perfil urbano, pouco contato com o meio de produção agropecuário e pouca referência profissional na área. Desta forma que o curso pretende construir uma formação orientada para o fortalecimento da agricultura familiar no estado, amparado nos princípios de formação agroecológica.

Palavras-chave: Educação profissional. Agroecólogo. Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

Os Cursos de Agroecologia foram criados com vistas a atender uma formação profissional orientada pelos princípios deste movimento, que desde a Agricultura Alternativa na década de 1960 até os dias atuais vem buscando incorporar na educação agrícola um novo paradigma de produção e conhecimento técnico-científico. Neste sentido a criação de mais de 80 cursos de agroecologia técnico de nível médio tem levado as discussões sobre as bases epistemológicas que orientam os mesmos, bem como a concepção de formação para atender este novo perfil profissional. Acontece que os próprios espaços onde estes técnicos irão atuar merecem estudos mais específicos, de forma que integre as competências para elaboração dos projetos pedagógicos de curso.

O Colégio Técnico da Universidade Rural – CTUR teve sua mudança estrutural no campo da formação para agropecuária orgânica no início de 2001, porém com a criação do Catálogo Nacional do MEC em 2009, com vistas a uniformizar a nomenclatura dos cursos, este passou a se denominar como Curso Técnico em Agroecologia que se encontra no Eixo Recursos Naturais. Desde então, os professores e estudantes do curso tem refletido sobre as possibilidades e desafios que esta mudança estrutural envolve. Uma vez que não existe uma diretriz nacional curricular para o curso de agroecologia, a Associação Brasileira de Agroecologia a partir do Grupo de Trabalho Educação em Agroecologia vem realizando desde 2009 uma série de debates sobre tais cursos. Sendo um considerável avanço o I Seminário de Educação em Agroecologia, construindo diretrizes e princípios, com a

1 Mestre em Educação, Colégio Técnico da UFRRJ; professor do Colégio Técnico da UFRRJ. E-mail: diogomococa@yahoo.com.br

2 Estudante de Graduação em Agronomia, UFRRJ. E-mail: oliveira-lucas@outlook.com.br

3 Estudante de Graduação em Comunicação Social, UFRRJ. E-mail: ursulagomesmendoncalima@hotmail.com

elaboração de documentos que refletem um mosaico sobre esses cursos no território nacional (PINTO et al., 2012).

Algumas problemáticas encontradas nesse sentido refletem especificamente à formação docente, o perfil do estudante e o campo de atuação. Neste sentido que procuramos compreender como e onde o técnico em agroecologia encontra espaço para atuar principalmente em seus territórios e adjacências. Os estudos sobre a formação de professores nos levam a pensar o quando necessitamos de uma orientação mais precisa diante desse quadro e até mesmo de formação técnico-científica para ministrar aulas em um curso de agroecologia. A gênese desses cursos, pode ser uma forma de compreender quais objetivos de perspectivas para a atuação profissional do técnico.

Esta questão dialoga também com os objetivos dos estudantes em optar pelo curso de agroecologia e baseado nisso que este estudo apresentado procura encontrar no perfil do estudante, respostas para se pensar as diretrizes do curso. No caso do CTUR o mesmo se localiza em Seropédica, região metropolitana do Rio de Janeiro, ao passo que estamos cercados por instituições como a Embrapa, a UFRRJ e a PESAGRO-RJ, ainda sim encontramos pouca expressão da agricultura local. Existem pelo menos três assentamentos rurais no local e uma expressão dos movimentos de agricultura orgânica que abastece algumas feiras. Porém ainda sim, pensamos no papel do colégio em formar quadros para atuar no município e no estado.

Sendo assim esta pesquisa não se trata apenas de um levantamento no perfil destes educandos, mas na complexidade que se estabelece no campo profissional e de formação, os quais pretendemos discutir com os resultados desse estudo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Baseado na pesquisa participante (SILVA E GRIGOLO, 2002), nossas análises envolvem conversas com estudantes, professores e técnicos e a observação do ambiente social e político do Colégio. Assim, para apanhar dados mais concretos foram aplicados questionários nas turmas de primeiro ano do curso técnico para conhecer o perfil dos mesmos e seus objetivos em cursar agroecologia, bem como suas concepções sobre o tema. Os dados foram tabulados segundo a análise de conteúdo (BARDIN, 2002) e discutido com os temas que interagem com a formação técnica e atuação profissional do agroecólogo. Foram no total aplicados 80 questionários em três turmas, sendo duas integradas com o ensino médio e uma de concomitância externa

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudantes do Colégio são adolescentes na faixa etária entre 14 a 18 anos de idade. São moradores do Estado RJ, sendo que 31 residem em Seropédica e 27 em bairros da cidade do Rio de Janeiro, 16 em cidades vizinhas (Itaguaí, Paracambi e Nova Iguaçu), e outros residem em municípios como Mangaratiba e Niterói. A turma

concomitância externa é que mais têm estudantes do Seropédica, e quase todos fazem o ensino médio em outra Instituição, ou seja, o único motivo em realizar o curso é a formação técnica.

Quanto a sua origem e identidade com o campo, observamos que 60% dos estudantes afirmam nunca ter tido relação com o meio rural. Dos outros 40% sua ligação com o campo é devido a família que morou ou ainda reside no campo, sendo filho de agricultores um número pouco expressivo. Esta característica nos leva a refletir sobre o referencial deste técnico com relação a sua vivência com o meio rural. Isso nos leva a pensar sobre a formação deste estudante no sentido de possibilitar uma experiência com o campo para compreensão de sua complexidade que vai além dos sistemas produtivos, o que levou a criação da Vivência Interdisciplinar em Agroecologia como forma de aproximar o educando desta relação com a agricultura familiar no estado.

Quando perguntado o motivo pelo qual escolheram o curso, destacamos que a maioria escolheu por interesse ou afinidade com a proposta do curso, no sentido de integrar a conservação da natureza com a produção agropecuária. Também há aqueles que pretendem prosseguir na carreira dando continuidade à profissionalização na graduação. Outros motivos se dão a influência familiar ou de amigos. É interessante notar que nas turmas integradas com o ensino médio a relação candidato/vaga no processo seletivo é um dos fatores que determinou a escolha pelo curso. Esta característica também aparece nas discussões da pesquisa desenvolvida em 2011 sobre o perfil do estudante do CTUR (PINTO et al., 2012).

Ao perguntar se pretendem atuar como técnico em agroecologia, as respostas são bem proporcionais, sendo 26 pessoas que respondem que sim; 23 que não e 31 talvez. Nisto podemos considerar que os mesmos ainda são muito novos para ter segurança nesta resposta, mas essa característica nos coloca a pensar se realmente esses estudantes fazem o curso com interesse profissional. Para isto perguntamos se eles conhecem algum técnico, pensando na referência que possam ter sobre o trabalho do mesmo, e obtivemos como resposta que 50 alunos não conhecem, ou seja, não sabem qual atuação do mesmo.

Ao perguntarmos sobre o que levou a escolher o CTUR, observamos que a grande maioria das respostas trata da qualidade do ensino da instituição. O que nos aponta a escolha pelo curso apenas pelo aproveitamento em cursar ensino médio no Colégio. Esta característica nos faz pensar em uma questão que vem sendo discutida no âmbito das instituições de educação técnica de nível médio, uma vez que esta característica é muito comum nas falas dos estudantes dessas instituições, e isso acaba por descaracterizar a formação profissional da mesma.

No estado do Rio de Janeiro a formação de quadros para fortalecer a agricultura familiar e a produção agroecológica, se apresenta como uma das características mais importantes dentro das necessidades do movimento. A relação com as unidades de conservação e comunidades tradicionais também é um fator que dentro do estado necessita ser explorado e o técnico em agroecologia, neste contexto, é um dos profissionais que pode contribuir muito com a integração entre produção de alimentos de base sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes do CTUR apresentam um perfil urbano e com pouca referência sobre a agroecologia e o campo. Isto leva a Instituição a pensar no seu perfil profissional e de construção curricular com relação ao seu estudante. Assim como o papel do Colégio na integração com as ações locais e regionais que visam fortalecer o movimento da agroecologia. Podemos considerar que embora muitos alunos embora não busquem atuar como técnicos pretendem continuar sua formação profissional no ensino superior. Temos como característica então, um curso que forma sujeitos e atores sociais com princípios que visam fortalecer o movimento da agroecologia atuando ou não neste campo profissional.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Trad. Luíz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições70, 2002.

PINTO, Diogo de Souza; ALMEIDA, Sara Lima; OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de. A transição para o ensino da agroecologia no Colégio Técnico da Universidade Rural – CTUR. Anais VII SIMPED. AEDB, Rezende-RJ: 2012.

SILVA, Marisa Borba de; GRIGOLO, Tânia Martins. Metodologia para iniciação científica à prática da pesquisa e extensão II. Caderno Pedagógico. Florianópolis-SC: Udesc, 2002.